

O RESGATE DA SEXUALIDADE SAGRADA: A DANÇA DE SHIVASHAKTI - DIÁLOGO ENTRE BIODANÇA E O NEOTANTRA

Clarissa Simões dos Reis

Ainda no início da década de 90, nasceu o trabalho intitulado Sexualidade Sagrada, obra idealizada pelas facilitadoras Sônia Reis e Isa Freire. Tomadas pelo sentimento contra-cultura subversivo e festivo da geração Woodstock, iniciadas na arte do encontro afetivo - Biodança e, mergulhadas em leituras como O Retorno da Deusa de Edward Whitmont e Deusa Interior de Jennifer Woolger e Roger Woolger, além dos estudos em Mitologia Grega como Eros e Psiquê. Naturalmente, como para a maioria de nós, também as experiências íntimas de prazer empobrecidas tiveram um significativo lugar na idealização e facilitação deste trabalho, partindo de uma motivação pessoal e se estendendo, solidariamente, ao outro, provavelmente igualmente insatisfeito e aquém de sua potência sexual.

Em 2001, as imersões de Sexualidade Sagrada foram suspensas devido a um acidente sofrido por Sônia. O trabalho, até 2018, passou a acontecer somente dentro das Escolas de Biodança do Brasil, quando em 2019, recebo o legado de Sônia, minha mãe, e Isa, nossa amiga. O propósito deste trabalho me toma o coração de sentido e passa a ser o meu tema de monografia e a minha “menina dos olhos”.

Eu, Clarissa Reis, idealizo-o a partir do que ele foi e, também, deixo nele a minha própria identidade, meu ineditismo,

mantendo as vivências de Biodança na íntegra e, agora, expandindo-o para uma conversa com a escola filosófica-espiritual do Tantra, bem como com as práticas da Terapia Tântrica Ocidentalizada ou do Neotantra. Então, o nomeio como o Resgate da Sexualidade Sagrada: Dança de ShivaShakti. O trabalho passa a ser oferecido para pessoas aprofundadas em Biodança, independentemente se essas eram vinculadas às Escolas e se torna o campo de pesquisa para meu trabalho de conclusão, o qual me daria o título de facilitadora de Biodança mais tarde.

Ao longo do trabalho nos deparamos com os conhecidos, sofridos e, infelizmente, não tão incomuns transtornos sexuais - frigidez, anorgasmia, impotência sexual, ejaculação precoce, compulsão sexual. No entanto, o que não esperávamos era o frisson e o íbope que receberíamos de alguns do nosso próprio coletivo. A resistência de alguns dentro da comunidade Biodanceira. Nesse sentido, o recorte deste trabalho privilegia os fenômenos que ocorreram na comunidade de Biodança. Para quem se interessar em conhecer os resultados e análise do trabalho vivencial dos participantes, sugiro a leitura da monografia O Resgate da Sexualidade Sagrada.

Considerando o público aprofundado em Biodança e, também, a proposta ousada de seu mentor Rolando Toro, logo de início, fomos surpreendidas com dificuldades que imaginávamos estarem superadas, indicando para nós sintomas de adoecimento neurótico como sentimentos de medo, vergonha e preconceitos. Os motivos para que isso ainda ocorra dentro da nossa abordagem estão explanados ao longo de nossas discussões e conclusões acerca do tema e do presente trabalho.

Cabe nesse momento lembrar da conceituação edificante da Organização Mundial de Saúde – OMS, quando se diz:

“A sexualidade é ‘uma energia que nos motiva a procurar amor; contato, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influen-

cia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde' ” (2014.1)2)3)4)

Nesse sentido, consideramos a sexualidade como fator determinante para a saúde humana, sendo incluída, pela própria OMS, como um dos aspectos fundamentais para a qualidade de vida. Para Toro (1991) sexualidade é a própria sacralização do amor. Toro entende que o tema da sexualidade deve pautar-se na percepção do feminino e do masculino como vivências essenciais e diferentes. O autor é um defensor do esforço ao reencontro do sentido sagrado da sexualidade, como emoção primitiva da conexão entre os seres. Através da harmonização e integração dos dois arquétipos – feminino e masculino –, da vivência do sujeito humano à experiência da deidade.

Eis o nosso objetivo geral do trabalho: restaurar o aspecto sagrado à sexualidade humana, concebendo-a como um modo de unir-se, o sujeito humano, à sexualidade cósmica, como um veículo para se alcançar o numinoso, bem como compreender os fenômenos reativos dentro de nossa coletividade.

1. Sexualidade: A Gênese da Vida e o Culto à Grande Deusa

Com o intuito de restaurar a sacralidade da sexualidade, vamos precisar problematizar a nossa cultura anti-vida, altamente castradora do nosso entusiasmo pela vida. Trago então uma preposição: Como está a relação do ser humano com a vida? Como a concebemos? Se é ela – a vida – quem nos concebe? A maior parte de nós vive num ambiente artificial nas grandes cidades. Longe dos bosques, do contato com um ar puro, dos riachos, dos pássaros, vivemos em verdadeiros cativeiros, nos quais tantas vezes somos bombardeados pelos meios de comunicação por notícias da pior qualidade: infanticídio, feminicídio, violência/assédio, corrupção, degradação do meio ambiente, entre tantas outras práticas anti-vida. O mesmo se dá, tantas vezes,

em roda de amigos, na intimidade do lar, nos espaços de trabalho, nas igrejas, filas dos mercados.

Sinto a presença do medo a ser instalado. Percebo reações defensivas e combativas. Nasce um corpo assustado, sem espaço vital, encolhido e encurtado e com sua capacidade de gozar a vida gravemente comprometida. Pergunto-me: concebemos a vida pelo seu avesso? (Sobre) Vivemos numa cultura que desqualifica, maltrata e sacrifica a vida? E o mais assustador: sentir num nível visceral, que existe uma certa dose de satisfação masoquista inconsciente, pré-consciente ou consciente no estilo de viver mortificado (Freud, 1972).

Porém, nem sempre foi assim. Longe do puritanismo hipócrita e da libertinagem adoecida de uma boderlização generalizada, a educação sexual para além do controle de natalidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, mas, sobretudo, incluindo, também, a conscientização de sua dimensão sagrada é a nossa alternativa segura para a vivência da sexualidade saudável e plena. Paradoxalmente (e para alguns é óbvio, para outros é retrocesso), poderemos avançar bastante acerca de nossa compreensão de sexualidade bebendo na fonte de nossa ancestralidade.

Em algum momento da história da humanidade, homens e mulheres viviam em maior harmonia entre si e integrados com a natureza. A relação entre religiosidade e sexualidade era estreita (Zeldin, 1996). O ser humano gozava de sua relação com toda a manifestação da natureza livre de sentimentos neuróticos, como a culpa e a vergonha.

De forma didática, faremos uma visita à história da sexualidade para compreender seu caráter sagrado vivenciado por nossos ancestrais e nossas alternativas de caminhos pelos quais podemos retornar a vivência da sexualidade espiritualizada.

No período paleolítico, quando se tem os primeiros registros do homo-sapiens, os casamentos aconteciam de forma coletiva. As crianças eram responsabilidade de todos do clã e não se sabia quem eram os genitores masculinos, mesmo porque não se sabia que os homens teriam alguma participação na procriação da espécie (Navarro, 2007).

Às mulheres era conferido o status de Deusas exatamente por sua capacidade misteriosa de gerar a vida. Assim, apenas se reconhecia a linhagem materna. Fertilidade era causa atribuída a elas e não havia nenhuma relação de entendimento entre sexo e procriação. Em tempos remotos, ainda no período paleolítico, os monumentos e esculturas com teor sexual, megalíticos representando a Deusa na figura da mulher de seios fartos e ancas largas, indicando sua fertilidade e, possivelmente, a relação com a corporeidade de forma consciente e natural (<https://pt.slideshare.net/cresac/a-sexualidade-no-tempo-1>)

Encontramos sincretismos do culto à Grande-Mãe nas sociedades mais diversas ditas primitivas, onde os rituais eram, essencialmente, sexuais: a Deusa Vênus de Willendorf; Ishtar da Babilônia; Isis do Egito; Astarte da Fenícia; Cibele, na Frígia; Inana, na Suméria; Nukua, na China; Yemanjá, na África; e Shakti, na Índia, para citar algumas. Múltipla e universal, era a Deusa entendida e reverenciada como a própria força propulsora de tudo que é vivo (Navarro, 2007).

Nessa época, a relação sexual acontecia entre pessoas de sexos opostos e de mesmo sexo. As chamadas orgias primitivas eram experienciadas sem tabus e seu exercício estava, essencialmente, vinculado ao prazer e à fertilização da terra, uma vez que se acreditava que tais relações nutriam os campos, fazendo-os frutificar, florir e chover, ou seja, as cerimônias sexuais eram verdadeiras oferendas à Deusa (Engelsman, 1979).

Foi assim até a idade do bronze, segundo Navarro (2007). A figura central mística e religiosa era a Deusa- Mãe, fonte de toda a vida, que provinha a todos as necessidades de alimento, ar, água, calor, abrigo, e belezas naturais. A fertilidade da terra estava profundamente relacionada à fertilidade da mulher, e vice-versa. Para as religiões primitivas, acreditava-se que as liturgias sexuais alimentavam a terra e a faziam prosperar (Shobinger, 1975).

Diferentemente do Deus-Pai punitivo, exigente e castrador, do paradigma religioso patriarcal que predomina, ainda hoje, nas mais diversas tradições religiosas, os povos arcaicos reverenciam a Deusa-Mãe, não como uma governante do mundo, senão o mundo em si mesmo. A experiência com a divindade feminina, segundo a religião natural (provinda da natureza), era de benevolência, generosidade, fartura, beleza e amorosidade (Bolen, 1984).

Atentas ao perigo de devastação dos animais, a agricultura surge como uma invenção feminina (Navarro, 2007), uma vez que perceberam que domesticar os animais seria mais seguro do que exterminá-los. Neste momento, já estava nascendo o período neolítico, quando reinava uma paz primitiva, pois sem a necessidade da figura de um homem caçador, seus atributos de força bruta não eram necessários e, portanto, não havia o sentimento de superioridade dos homens sobre as mulheres. As atividades econômicas eram verdadeiras oferendas à Grande-Deusa Natureza, em retorno honrado e grato a toda abundância por Ela manifestada a nós (Bolen, 1984).

Foram cerca de 15 mil anos de paz em nossa pré-história de raiz matriarcal, na qual as relações entre mulheres e homens eram simétricas e marcadas pela parceria, diferentemente do que possam acreditar aqueles enviesados pela lógica patriarcal, onde necessariamente um dominante (homem) explora outra dominada (mulher), segundo Tannahill (1983). Nessa atmosfera pacífica e colaborativa entre mulheres e homens, há que se ima-

ginar que a sexualidade vivenciada nesse período fosse bastante diferente do que observamos e vivemos nos tempos atuais.

E é nesse lugar das sociedades matrifocais, onde nasce o Tantrismo, na Índia antiga e profunda, a Índia Dravidiana, há mais de 7500 anos antes de nossa Era (Lysebeth, 1994). Nessa tradição esotérica proveniente do hinduísmo, o culto à Deusa-Mãe, a Grande Ancestral, a Shakti, iniciadora de toda a vida e encarnada por toda mulher. O Kaulâvalî-Tantra diz:

“É preciso reverenciar diante de qualquer mulher, seja ela no esplendor juvenil, seja velha, seja bela ou feia, boa ou má. Nunca se deve enganá-la, nem calúnia-la, nem fazer-lhe mal algum. Esses atos tornam qualquer siddhi (realização) impossível” (apud, Lysebeth, 1994, pg. 99).

A civilização matriarcal marcou toda a nossa pré-história, da bacia do Mediterrâneo à Índia dravidiana, nos períodos neolítico e paleolítico. A Deusa-Mãe ou a Mãe-Natureza personificada em toda a mulher - as sacerdotisas, magas, bruxas, feiticeiras, curandeiras, iniciadoras e sacerdotisas na arte de fazer amor, benzedeiras, entre outras, é a religião original da humanidade. São as mulheres as guardiãs dos segredos da natureza, daquilo que provê vida e saúde, além de compreender os abissais da alma humana. O Tantra é a religião viva, dotada de corpo, movimento, som, expressão, respiração, matéria, completamente de acordo com a religião original. Isto quer dizer que o Tantra é, essencialmente, feminino (Rajneesh, 1977). Na contramão está o Deus Pai das religiões e do paradigma patriarcal - dogmático, doutrinário, abstrato, colonizador e que intelectualiza Deus, O tornando separado de nós.

Ao contrário do que o leitor possa imaginar, o homem que participa do culto tântrico à feminilidade não necessita se

desvirilizar. Ele deve reconhecer a mulher como sua verdadeira iniciadora. Isso significa que nossos ancestrais primitivos tinham uma consciência absolutamente revolucionária, pela qual todo o homem (e toda a mulher também) devem passar por Ela (a mulher, a Deusa) para passar a ser, para passar a existir, para que o ser possa ter alma. Para se tornar um verdadeiro homem, ele precisará redescobrir sua feminilidade oculta e reprimida (Feuerstein, 1994).

2. Princípio Biocêntrico: Uma Disciplina Tântrica

Receio apropriações estrangeiras. Contudo, acredito que podemos nos inspirar em outras tradições, no nosso caso as orientais, para nos ajudar a encontrar e incrementar o nosso próprio método, a nossa própria tradição, a nossa própria cerimônia e nossos próprios rituais nativos, pelos quais possamos comungar de um sentido pessoal e coletivo. Inclusive e especialmente, no que concerne à sexualidade, uma vez que estamos à deriva no que diz respeito a nossa energia primordial sexual. Se não fosse assim, Rolando Toro não teria desenvolvido uma teoria e metodologia debruçando-se numa pesquisa antropológica ampla e intercambiante, criando um sistema de desenvolvimento humano sofisticadíssimo - A Arte do Encontro Afetivo: Biodança. Partimos dele e avançamos conversando com outros conhecimentos, inaugurando novos trabalhos vivenciais e integrativos.

Segundo Lloyd (1966, apud, Lysebeth, 1994), a primeira religião humana como experiência numinosa estava fundamentada na sexualidade e no culto à Deusa Mãe, face feminina do divino. Nossa aposta é que é por meio da religião original que poderemos reencontrar nossa verdadeira origem e, assim, pacificar os nossos seres e as nossas relações. Ao que tudo indica, o Tantrismo é o triunfo da religião raiz matrifocal, atravessando a Era do Patriarcado com bastante perdas e adulterações, não

tenhamos dúvidas, e, ainda assim, permanecendo leal à devoção da Deusa Shakti (sem se esquecer do Deus Shiva), ao princípio do prazer transcendente vivenciado no corpo, que é percebido não como objeto de pecado, o qual devemos temer, mas aquele que é o instrumento de acesso ao Sagrado e templo absoluto de nossa alma nessa existência.

Em contraponto a uma cultura anti-vida, o Princípio Biocêntrico – PB, fundamentado por Rolando Toro, é a nossa bússola e o nosso mapa ao reencontro da religião primitiva, através do qual vamos nos encaminhando para um lugar, no qual podemos recuperar a satisfação pela vida, alocando-a em seu lugar central e, conseqüentemente, confirmando seu caráter sagrado, via realização da sexualidade plena e inerente a todos os seres viventes.

Segundo Cavalcanti e Góis (2015), PB é denominado por um estilo de sentir e pensar que toma como ponto de partida e como referência existencial, a vivência e a compreensão dos sistemas viventes. Este Princípio admite a existência de um universo organizado em função da vida - Biocosmologia, o que está totalmente de acordo com o culto à Deusa, com a nossa religião primária.

A filosofia do PB diz é que nossos movimentos, nossas danças, nossos encontros uns com os outros se manifestam como expressão da vida para nutri-la e fazer gerar ainda mais vida dentro da vida. Não visa alcançar objetivos antropológicos, sociais, políticos, econômicos ou religiosos. O universo, como totalidade, pode ser concebido como um sistema vivente, como um organismo pulsador de vida.

Sendo assim, ainda na visão de Toro (1991), através do PB, a consciência toma uma nova dimensão, no sentido de que se anima pela comovente, grandiosa e orgástica sensação de ser, de se relacionar: material de vida, contato, vinculação de energia viva com outras energias vivas. A consciência se incorpora de

emocionalidade-vivencial: nossos olhos extasiados pela beleza e graça de viver, nossa sensorialidade a experimentar o êxtase, nossos vínculos a se fortalecerem através de carícias verbais e corporais, e também pelas carícias a receber dos raios do sol, da brisa, da terra, do mar, ou seja, um estado de permanente cópula com o universo. A qualidade de nossa evolução consiste na disposição nata de nossos sistema viventes para entrar em fusão e permanente orgasmo com o cosmos - transcendência.

Diante do exposto, entendemos que a internalização do PB é a grande e melhor possibilidade de cura para uma cultura anti-vida, à qual estamos expostos. Este princípio entende que a vida se organiza em convivência e coexistência com o divino, pelo qual o sagrado se manifesta em qualquer situação onde a vida se faz presente. Os estudos sobre biologia celular, segundo o PB, são a própria manifestação do divino que revela a existência de uma verdadeira comunicação inteligente e amorosa entre as comunidades celulares ao integrarem ações bioquímicas de afinidade e cooperação, evidenciando um espírito francamente matrifocal. Em cada partícula, átomo ou molécula, está, ali, a consciência onipresente. A vida é fruto dessa inteligência afetiva e sexual (MOURA, 2017).

A vivência da sexualidade está presente em todas as espécies, em toda forma de vida, seja no acasalamento dos insetos, seja através da penetração das águas doces no oceano. Quanto à vida humana, se perpetua através do encontro entre dois seres, atraídos pela força de eros e pelo profundo pacto de amor entre duas células – o óvulo e o espermatozóide – quando ambos se unem no instante da concepção. Essa sabedoria biocósmica é anterior à cultura e gera os seres viventes (SANTOS, 2009).

Desse modo, podemos dizer que se estivermos sob a regência do PB, harmonizados com a nossa natureza, perceberemos que somos concebidos para eros, para a vida plena

de prazer, para o gozo de viver. A espécie humana é fundamentalmente sexual, capaz de conferir à sua sexualidade sentido maior que a procriação. Basta raciocinar que, na cadência razoável de dois contatos de relação sexual por semana, em vinte anos de relacionamento, teremos a grosso modo, dois mil coitos. Assim, uma mãe de uma criança, teria tido 1999 relações “inúteis” procriativamente, contra uma “útil”, ou seja, fecunda. Isso mostra o quanto a sexualidade humana não está vinculada apenas ao fim procriativo. O que queremos dizer é que a sexualidade é, sim, o instinto que garante a perpetuação das espécies; contudo seu sentido extrapola esse fim e se fundamenta, sobretudo, na experiência saudável da identidade humana. É, portanto, um eixo estruturante do psiquismo e da identidade humana: a graça de viver virtuosamente, em plenitude e alegria.

Nosso mestre Rolando (1991) afirma imperativamente que a energia erótica é energia cósmica que gera vida. Todas as vezes que pudermos nos relacionar eroticamente estaremos nutrindo todo o cosmos, prestando um serviço que gera vida. Com muita segurança podemos aproximar o PB à filosofia tântrica e às demais religiões primitivas que tinham como figura central de seu culto à Deusa.

Dito isso e para fins deste trabalho, ainda em se tratando de um revolucionário e profundo resgate da sacralidade da sexualidade, se faz necessário conhecermos e integrarmos nossas partes ainda ocultas de natureza feminina e masculina. Tanto as mulheres reivindicarem o tanto de masculino que as habita, conferindo-lhes essa força misteriosa da virilidade, da capacidade de penetrar todo o universo com seu yang; quanto os homens acolherem o quanto de feminino há em si. O quanto podem ser doces, pacientes, ternos e amáveis e, assim, penetrar em uma mulher, e na vida, a partir de seu eros feminino, com triunfante vitalidade (Toro, 1991).

Reencontrar o sentido sagrado da sexualidade é, por assim dizer, nos reconciliarmos com a nossa emoção primitiva, doce e impetuosa da conexão. A dessacralização do sexo é uma resposta à dissociação afetivo-sexual promovida por uma cultura anti-vida, que faz conflitar atributos complementares, dicotomizando e fazendo duelar homens e mulheres e, também, as forças feminina e masculina dentro de nós e em nossas relações uns com os outros.

Sempre que um homem entra em contato com sua contraparte feminina, que representa um aspecto da vida não vivenciado nem percebido por ele, excluído de sua atitude consciente, ele se abre para sua feminilidade latente, e a mulher, para sua masculinidade latente. O caráter unilateral de sua vida é abandonado, seu ser total se enriquece, e isso é muito importante para seu caminho evolutivo. A feminilidade que o homem experimenta por intermédio, de e graças a uma mulher objetiva, e às forças inconscientes de seu psiquismo, está mais profundamente enraizada no domínio da realidade do que as forças masculinas, embora estas operem em conjunto com aquela. Quando as forças masculinas a combatem, há o perigo de perder contato com as camadas mais profundas do ser (Guenther, 1979).

Em nosso próximo tópico, estaremos a discorrer sobre o formato que se deu o nosso trabalho O Resgate da Sexualidade Sagrada; como viabilizamos o intercâmbio entre Biodança e a Terapia Tântrica, com suas ferramentas de massagens e meditações, e quais suas implicações.

3. Biodançando e Tantralizando: divergindo, convergindo, avançando e integrando

Biodança é um sistema de integração e desenvolvimento humano, renovação orgânica, reeducação afetiva e de aprendiza-

gem das funções originárias da vida, segundo a definição de seu próprio autor, Rolando Toro (1991). Sua metodologia consiste em induzir uma sequência de danças que desenham uma curva orgânica auto-reguladora através de movimentos de ativação e regressão, onde a arte do encontro humano deflagrado pela música e pela dança proposta é vivenciado como uma experiência plena de sentido existencial. Uma vivência de Biodança é facilitada contando com o modelo teórico e metodológico e prescrita conforme os objetivos do que se quer trabalhar e alcançar.

Sendo assim, as vivências de Biodança foram pensadas, sentidas e facilitadas assumindo o potencial das cinco linhas de vivências - vitalidade, sexualidade, afetividade, criatividade e transcendência, porém com endereço especial à sexualidade - o despertar do desejo, de modo a criar maior sensibilidade aos estímulos de prazer em todo o corpo através da sensualidade e erotismo, ampliando a capacidade orgástica.

“Para desenvolver muito bem o trabalho da linha da sexualidade é necessário compreender sua relação com a vitalidade (conservação da vida); com a criatividade (expressão do desejo e sedução); com a afetividade (capacidade de empatia); e com a transcendência (entrega e abandono do ego)”. Toro e Terren, Curso de Especialização em Sexualidade, Erotismo e Amor no Distrito Federal (junho, 2018).

Iniciamos o trabalho numa sexta-feira à noite, de forma cerimoniosa, com uma vivência de Biodança. O salão de vivência ganhou um áurea de templo religioso, dispondo de imagens hindus como Shiva Nataraja (Deus da Dança), Lacksmi (Deusa da prosperidade e da beleza), a trindade hindu Shiva, Parvarti e Ganesha; decoração com panos de seda; mandalas; incenso e essências; velas; oferendas de frutas e flores. Todos dispostos periféricamente, de forma a priorizar o espaço interno do salão.

Minha mestra mãe e eu vestimos roupas confortáveis, e também, dotadas de elegância, dando um atmosfera solene, nos identificando com as sacerdotisas da Deusa (Qualls-Corbett, 1990). Ela costuma estar toda de branco e eu, em tons de dourado e rosa.

Iniciamos com uma roda de compromisso, onde cada participante se dirige ao centro da roda e verbaliza sua promessa em ser uma guardiã e um guardião da sexualidade sagrada, honrando nossa capacidade inerente que dispomos em viver a vida em júbilo e contentamento. As palavras de cada participante são próprias de sua subjetividade, mas o compromisso é pessoal, coletivo e único, no sentido de criar um clima de de atenção, presença, cuidado e vigilância com o tema, que é caro a todos nós e devemos, portanto, nos responsabilizar por ele, uma vez que é facilmente corrompido com atitudes levianas, pudicas e vulgares.

Abrir um trabalho à noite e lançando uma promessa, também remete ao mistério no nosso feminino profundo expresso no período negro da noite, mais fria, mais úmida, enluarada, provocando, estimulando e acordando as profundezas ocultas de nosso inconsciente. Esse ato de compromisso mobiliza nosso ser inteiro, muitas vezes, revelando nossos temores e ansiedades com o tema e, simultaneamente, excitação, interesse genuíno e disponibilidade ao amor indiferenciado.

É muito pertinente não incorreremos no risco de romançar esse trabalho, uma vez que é na nossa sexualidade onde residem os nossos maiores segredos, feridas e contradições; onde moram conteúdos de nossa sombra que não gostamos nem ao menos fazer uma visita rápida, quiçá conhecê-los intimamente. Talvez esse dado não seja nada publicitário ou comercial, mas a verdade é que a longa jornada rumo à origem da sexualidade – sua sacralidade –, exige de nós encararmos as feras aterrorizantes que moram nos abissais de nossa alma.

A integração afetiva, que é o grande carro-chefe de todo o trabalho em Biodança, facilita o acolhimento do material sombrio, para o qual precisamos evocar toda a nossa capacidade de compaixão conosco mesmos e com os demais. Adentramos um portal e chegamos num ambiente de absoluta proteção, permeado pelas virtudes da amorosidade, benevolência e cooperação.

Nos próximos dias, já pela manhã, também abrimos os trabalhos com as rodas de Biodança num clima de alegria impulsionado pelo dia ensolarado próprio do planalto brasileiro, em meio a vegetação nativa do cerrado, movidos pela consciência masculina do dia. Há muitas brincadeiras, jogos lúdicos nesse momento, uma vez que brincar é algo levado muito a sério por nós nesse trabalho, pois é um grande ato de sexualidade despreziosa, leve, bem humorada, irreverente e, assim, vamos nos autorizando a ousar, a nos tocar mutuamente com maior naturalidade, a explorar os nossos corpos numa aventura entusiasmante das zonas erógenas através da virtude da inocência.

Percebemos também a grande necessidade de se trabalhar a força da identidade através de danças como grito/canto do nome, caminhar com determinação, dança de oposição harmônica, dizer NÃO - estabelecer limites, dança da semente e alguns desafios do minotauro como dança de liberação-opressão, pois entendemos que o tema da sexualidade exige o amadurecimento de uma identidade adulta que se autoriza a gozar a vida desafiando todos os mandatos culturais de efermidade, sejam eles velados e subliminares, sejam escancarados.

A busca de prazer ativo e engajado, quando a pessoa torna-se adulta e capaz de protagonizar seu erotismo e sensualidade, quando ela sabe comunicar como e onde quer ser tocada ou estabelecer os limites que se fizerem necessários dentro de uma experiência sexual, compõe uma vivência ego-sintônica. O

oposto psicológico a essa posição ativa de luta e fuga é a regressão infantil, na qual a necessidade ou o desejo sexual não é mais imperioso (LOWEN, 1982).

As danças que para sua maior potência pedem o desnudamento, como: samba a cinco; sopro sobre o corpo; gozo cines-tésico; dança da serpente; acariciamentos diversos; percepção do outro com os cinco sentidos foram cuidadosamente costuradas dentro da vivência, considerando a progressividade tão característica do rigor da metodologia em Biodança. De forma criativa e prevenindo dogmas que mortificam a vivência com o sagrado, dispomos de recursos que nascem no aqui e agora do momento vivencial para que o ato de se desnudar pudesse acontecer dentro de um rito religioso tão qual os nossos ancestrais faziam quando a religião original, provida de sexualidade, era cultuada. Nesse momento, cada peça de roupa retirada representava algo mais íntimo e simbólico - um gesto de desnudamento da alma: desnudar-se do medo, das dores, da violência, dos nossos vícios egóicos - vaidade, arrogância, orgulho, sentimento de menos-valia, entre outros, conforme a vontade manifesta de cada participante.

Pudemos dançar nossas polaridades feminina e masculina através das danças de expressão da feminilidade e da masculinidade; danças de sedução das mulheres e dos homens; dança de integração yin-yang; danças sequenciais do amor, num nobre gesto de harmonização e integração de nossos opostos complementares tão costumeiramente conflitantes em nossa civilização dicotômica. Algumas danças são citadas, aqui, apenas para fins de visualização para o leitor, que jamais alcançará, como bem sabemos, o esplendor da experiência vivida.

Esse recorte das vivências de Biodança é, notadamente, desenhado e facilitado para um grupo de aprofundamento. No entanto, fomos surpreendidas por alguns sintomas neuróticos e

normativos de quem esteve fora do salão de vivência. Sabemos que um trabalho desse porte começa muito antes do que a data oficial anunciada do trabalho de imersão, e seus desdobramentos podem reverberar para a posteridade. O que não imaginávamos era toda a repercussão para além daqueles que vivenciaram o Resgate da Sexualidade Sagrada - Dança de ShivaShakti.

Ficamos também admiradas com o movimento dentro da própria comunidade de Biodança, em sua maioria, facilitadores, didatas e diretores, chegando a envolver algumas “autoridades”, se é que assim podemos chamar pessoas de prestígio dentro do movimento de Biodança, uma vez que não dispomos de cargos, hierarquia, subordinados, salários e nada ao que se refere à ideia de carreira ou ao mundo organizacional. É verdade que recebemos apoio e incentivo, também, de muitos – a maioria, felizmente – em todo o país.

O alvoroço e a preocupação em torno do trabalho deuse devido ao intercâmbio de conhecimentos e práticas entre as duas abordagens: Biodança e Terapia Tântrica. As possíveis massagens nas genitálias eram e são, sem dúvida, o maior temor. Além de todo o estigma e corrupção que sofre a palavra “Tantra” estando tão próxima ao nome da Biodança. Qual seria o custo deste consórcio? Entro nesse campo porque a controvérsia sobre o tema é, com muita certeza, uma fonte de pesquisa riquíssima.

Ora veladamente, ora explicitamente, recebíamos acusações a respeito de nossa “afronta” em unir duas abordagens que, segundo entendimento dos que não compreendem ou simplesmente resistem, não convergem. Um dos pontos centrais da discussão era a polêmica quanto ao controle da ejaculação estimulado pelo universo tântrico e a suposta defesa de Rolando em relação às respostas naturais e reflexas do corpo. A crítica era fundamental: o problema da domesticação do corpo. Recebemos também a atribuição de estar alterando a própria curva

da vivência de Biodança, comprometendo por sua vez, o próprio modelo teórico, pois como caberia a metodologia da terapia tântrica dentro de uma vivência de Biodança que dispõe de sua própria metodologia?

A possibilidade de toque nas genitálias gerou um grande frenesi. Algumas inferências, inclusive, em relação à suposta falta com a virtude do respeito e a ofensa desse ato dentro de uma vivência de Biodança. Por fim, foi provocado um abaixo-assinado com o objetivo de retirar Sônia Reis do cronograma dos módulos da Escola de Biodança, Escola que ela mesma fundou pela confiança de Rolando Toro em março de 2005, com a motivação de estar com o seu nome “maculado” por estar envolvida com um trabalho que faz dialogar duas propostas que seriam divergentes. O que, possivelmente, denuncia uma rivalização das abordagens que trabalham com desenvolvimento humano, mas não apenas isso, como a rivalização entre os próprios facilitadores, ainda que algumas verdades nos custe admiti-las.

De certo, quem assinasse tal documento estaria logo, também, posicionando-se contrariamente ao nosso trabalho. Muito pertinente identificarmos possíveis atitudes assediadoras, pois vindo a iniciativa das “autoridades”, os demais “meros facilitadores” ficariam bastante constrangidos e inseguros em não assinar o documento sob pena de retaliações. Tivemos notícias de alguns que nos contataram pessoalmente para comunicar sua solidariedade. Uma mensagem que me tocou profundamente: “Clarissa, escrevo rapidinho aqui só para contar que estou chocado com essa movimentação toda sobre o seu trabalho com Tantra. Tenho total empatia pela sua coragem e me incomoda profundamente a forma como essa manifestação está sendo promovida”.

Arrisco-me a expor tais eventos com o intuito maior de compreender o fenômeno da repressão sexual, ainda fortemente presente na contemporaneidade, inclusive, dentro de uma abor-

dagem que tem, entre suas linhas de vivência, a sexualidade, a qual foi incluída por Rolando Toro, ser humano notoriamente conhecido por sua ousadia no campo da sexualidade também, impiedosamente criticado e devotamente aplaudido por essa mesma motivação. Em menor grau, mas presente, obviamente, aproveitou para responder “supostas denúncias” com o fim de esclarecimento. Todos temos o direito fundamental de natureza constitucional ao contraditório e ampla defesa. Isso também nos ajuda a avançar no conhecimento para se produzir ciência.

“Ouvimos tanto sobre o dever de um soldado sacrificar a vida pelo seu país e ouvimos tão pouco sobre o dever de todo o cientista expor a verdade logo que é reconhecida como tal, custe o que custar” (REICH, 1979, pg. 24).

A princípio, o trabalho recebeu o nome de Biodança com Tantra e o título da minha monografia seria algo próximo com “Diálogos entre Biodança e a Filosofia Espiritual do Tantra” ou “Alguns Fundamentos do Tantrismo no Desenvolvimento da Teoria em Biodança”. Logo, isso gerou perturbações e precisei fazer supressões e edições no texto como no trabalho vivencial. O título do trabalho gerou, até mesmo, ameaças de processo judicial, uma vez que Biodança estava sendo defendida como uma marca que não poderia ser comercializada sem as devidas autorizações. Ingenuamente, acreditava ser o nome Biodança com Tantra uma grande homenagem à Biodança. Esse foi o primeiro susto. Amadurecemos e evoluímos para o nome O Resgate da Sexualidade Sagrada, que me pareceu mesmo mais apropriado e mais honroso àquilo que minha mestra mãe começara lá atrás. O nome também nos traria maior liberdade para atuar com as abordagens de integração humana, das quais estaríamos habilitadas (psicologia como formação acadêmica, pós-graduação em Sexualidade Humana e Terapia Tântrica e Psicologia Analítica, Psicodinâmica, Psicoterapia Sistêmica, Psicodrama Triádico e Moreniano, Psico-

logia Analítica, Hipnoterapia Clássica e Ericksoniana, Programação Neurolinguística). O público em geral é quem vem outorgando a qualidade, validade e pertinência do trabalho.

Um sistema de desenvolvimento humano com as qualidades da Biodança sofre, esperadamente, fortes preconceitos e, nem todo o tempo, estamos imunes a eles. Quando, na década de 90, a Biodança ficou estigmatizada por ser considerada uma prática “impura”, exatamente por sua proposta vivencial de liberação sexual, não era incomum os relatos de tantos que fugiam dos salões de Biodança porque essa seria uma abordagem dada à “promiscuidade”. O movimento de Biodança sente, naturalmente, a força opressora na linha da sexualidade e passa a tomar certos cuidados para ser tratada em sua importância e potencial de integração do sujeito humano. Estes cuidados não devem, contudo, serem impeditivos para avançarmos no tema, tão caro à humanidade. O que quero dizer aqui é que aproximar o Tantra da Biodança num trabalho de Sexualidade Sagrada foi sentido como uma ameaça à credibilidade do Sistema Biodança. Afinal, foi devido a muitos esforços e sacrifícios que a Biodança conseguiu encontrar o seu lugar ao sol. O custo? A sexualidade, o prazer erotizado e sensual. A quem beneficiaria? À ordem vigente patriarcal castradora e punitiva. E assim, cegamente, vamos perpetuando um sistema perverso, que não cultua a vida em sua natureza orgásmica biocentrada, mas se presta à obediência inconsciente de uma vida morna para alguns, indiferente para outros, cruel para tantos outros e banalizada para quase todos - a anti-vida.

O termo latino sacrificium (um sacrifício) derivado do latim sacrificus (realizar funções sacerdotais ou sacrifícios), que combinava os conceitos sacra (coisas sagradas) e facere (fazer ou executar). “Sacrifice”. <https://www.etymonline.com/>. 11 de fevereiro de 2021.

Fazer (facere) coisas sagradas (sacra). No caso, o sexo, quando é sagrado, é um sacro ofício. Este é o sacrifício original dos ritos antigos. Curioso perceber como uma palavra como sacrifício foi sacrificada de seu significado profundo e original juntamente com a sexualidade, que era a sua oferenda dos humanos para as Deusas e Deuses. Não mais tardamos em admitir que fizemos isso também em Biodança. Por necessidade, sabemos. Quanto antes nos confessarmos, humildemente, de que essa onda opressora-conservadora também nos naufragou, mais cedo estaremos aptos a nos resgatar.

Fica fácil entender que tudo, absolutamente tudo, que se relaciona com sexualidade foi sacrificado. Fazemos um cálculo rápido e superficial e poderemos imaginar o tamanho do prejuízo para a filosofia milenar e matrifocal do Tantra. Somente alguns significados corrompidos que encontramos no imaginário pessoal e social à respeito da palavra Tantra: pornografia, suruba, sexo performático, desempenho sexual, assédio, abuso, perversão sexual, promiscuidade, prostituição. Alguns deles podem pairar na mente criativa do leitor. Compreensível. Um dia foi assim para nós também. Não se trata de julgar. Trata-se de fazer um belo diagnóstico de uma cultura gravemente adoecida em sua sexualidade para que possamos, enfim, medicá-la, cura-lá, (re)integrá-la.

O resgate da sexualidade plena, saudável e consciente requer a busca de novas concepções acerca do corpo e do prazer: eis onde a terapêutica tântrica revela seu valor. Com essa terapêutica, podemos ressignificar a existência vivida no corpo e rever suas necessidades em seu potencial auto-regulador e curativo. O corpo é o território central da terapêutica tântrica.

Para o tantra, o corpo não é uma carcaça, nem a antítese do espírito - aquele que devemos tratar com austeridade e mortificar para salvar a alma -, senão o seu contrário: é um maravilhoso instrumento, dotado da mais alta tecnologia biológica, e é a sede da consciência (LYSEBETH, 1994).

A terapia tântrica é uma ruptura com o sistema dominante que nega e demoniza o corpo – o que, por si só, já é terapêutico. Há muitos séculos, a ideia de corpo tem sido associada à dor, à doença e à culpa. No tantra, o corpo é veículo para o despertar do prazer e do autoconhecimento, que são estruturantes da saúde e possibilitam a vivência integradora da identidade humana.

A história da massagem tântrica, como conhecemos, tem origem em 1982, com o americano Joseph Kramer que, após passar anos estudando técnicas de respiração e massoterapias, desenvolveu o que ele chamou de “Massagem Erótica Taoísta”. A técnica consistia em, sob o ponto de vista do sistema de meridianos energéticos do corpo, os ensinamentos sexuais Taoístas e da respiração consciente, intensificar o fluxo energético corporal (Gaiarsa, 1985). O objetivo não era a ejaculação, mas, sim, o sentir do fluxo de energia, em como a energia sexual e a excitação circulam pelo corpo e intensificar o fluxo energético (<https://prazeremsentir.com.br/2020/07/29/desmistificando-a-massagem-tantrica-como-funciona-e-porque-funciona/>).

Todo o corpo é um potencial de erotismo. Nosso órgão mais sensível é a pele, que nos reveste por inteiro. Para o despertar do prazer em todo o prolongamento da superfície da pele, utiliza-se, na terapia tântrica com massagem, a técnica denominada “sensitive”, a qual eu gosto de chamar de carícia sensível: uma massagem com toque sutil, através das pontas dos dedos, que tem por intuito o despertar da bioeletricidade de todo o corpo ou aquilo que Reich (1979) chamou de orgone.

Estas descargas bioenergéticas ativam diversos processos psíquicos e biológicos: a sensorialidade; maior sensibilidade; a construção de novas sinapses nervosas; o despertar de memórias traumáticas e suas ressignificações; o despertar de memórias de alegria; insights; elaborações psíquicas; vivência

de unidade corporal; aceitação ao toque e ao próprio corpo; auto-percepção; cura de disfunções sexuais; o despertar do desejo e da energia sexual; e a capacidade auto-reguladora do corpo em expressão de homeostase e cura.

O ato de ser acariciado suscita uma resposta natural nos seres humanos para o pleno desenvolvimento orgânico-emocional. Não pode haver saúde, nem o funcionamento pleno do organismo, se os sistemas vivos não mantiverem contatos frequentes. Desse modo, podemos também nos dar conta do quanto a sexualidade fixada nas genitálias empobrece a nossa experiência do contato íntimo de toda a pele, que é nossa maior zona erógena (MONTAGU, 1988).

Contudo, não incluir as genitálias ou qualquer outra área do corpo, na experiência sexual, provoca experiência subjetiva de fragmentação corporal e, portanto, também no nível da identidade individual. Surge uma sensação de ressentimento da parte do corpo que não é tocada, e o indivíduo experimenta um corte no corpo, uma vivência esquizofrênica, uma censura e a impossibilidade de se viver o corpo em sua inteireza. Por esse motivo, na terapêutica tântrica da massagem, é previsto o toque nas genitálias, com o mesmo princípio da massagem sensitive, mediante a licença de quem recebe. Nesse contexto, o toque é experimentado dentro de um ambiente terapêutico protegido, em uma relação de vínculo de confiança com o terapeuta, que deve tocar todo o corpo, em uma atitude de reverência.

Diante desse cenário, ao pênis, desenvolvemos fixação: seja pelo seu temor, seja pela sua exaltação. À vagina, oferecemos a nossa negligência, profundo ato de desamor, maquiado por discursos e comportamento morais. Muitas são as mulheres que nos buscam enquanto psicólogas, sexólogas e terapeutas sexuais para nos confidenciar que suas genitálias são “depósitos de sêmen” num ato sexual mecânico e rápido, incapazes de

provocar prazer, muito menos o gozo. Outras tantas revelam o quanto desejam receber sexo oral, mas seus companheiros têm “nojo, pois dizem cheirar mal e ser, a vagina, feia”.

É urgente uma verdadeira reforma sexual, que sacraliza o corpo em sua inteireza. Por que então estamos em Biodança levantando a bandeira da “integração do corpo”, se o que está acontecendo é o vestir, mais uma vez, das tarjas pretas nas genitálias, inclusive, com a orientação das atualizações em metodologia de Biodança, a qual reitera a cultura normativa e opressora: não tirem suas calcinhas! Não tirem suas roupas íntimas! Facilmente o pênis escapa para dentro da vagina e pronto! Estaremos confirmando o terrível e temido estigma da década de 90 de que realmente as biodanceiras e biodanceiros são um bando de depravados!

A fala imperativa é para que possamos acordar do coma pretensioso de achar que estamos chegando a níveis profundos de intimidade negando as genitálias, dizendo ao corpo que ele ainda não pode estar inteiro. Não estamos! Ainda não saímos dos grupos de iniciação tímidos, afirmando convictamente que somos aprofundados em Biodança ou radicalizados na vivência.

A medicina que me inspirei para poder sanar a esquizofrenia corporal foi a terapia tântrica, que não é o Tantra raiz, porque isso seria impossível, uma vez que muito foi perdido pelas invasão e colonização dos arianos na Índia Antiga e, mais tarde, também pelos ingleses (Wallis, 2013). Evidentemente, uma tradição milenar (cerca de 30 séculos a.c) passou por inúmeras transformações e, até chegar no Ocidente, mais transformações ainda.

De todo o modo, a terapia tântrica é o eco do tantrismo. A arte da iluminação do Tantra e a Terapia Tântrica ocidentalizada tem em comum o seu olhar genuíno e inocente sobre as nossas genitálias, pela qual se compreende em sânscrito Yoni

- portal da vida, passagem divina, portal de luz, energia potencial da Deusa Shakti e, Lingam (pênis) - coluna de sustentação, bastão de luz, energia potencial do Deus Shiva. No Tantra original as imagens da Yoni e do Lingam são postos no altar, como símbolos sagrados da vida, e, assim, fizemos em nosso trabalho, enaltecendo as sagradas genitálias.

Sendo assim, o salão de Biodança amplo e espaçoso cede lugar ao salão do Tantra, numa troca de cenários amorosamente preparado por nossa coordenadora Marina Sousa, mulher sacerdotisa também. Por suas mãos os adornos ganham expressão de beleza.

Da periferia do salão, agora ganham o centro do salão: guirlandas florais, flores-cores, perfumes, essências, fogo, pedras, incenso. Tantra é beleza. Sexualidade merece a virtude do belo, profundamente erótico. Na periferia, rodeando o salão, o lugar cuidadosamente disposto para cada paridade com o material necessário para a massagem, como os óleos essenciais, entre outros itens.

Um dos significados da palavra Tantra é integração, inclusão, aceitação. Sendo assim, as paridades podem ser mulher e homem; mulher e mulher; e homem e homem, uma vez que as nossas polaridades Shiva-Shakti precisam se casar dentro de nós. As paridades podem já irem formadas ou podemos formar a paridade durante o trabalho, estimulando o encontro erótico-afetivo por esse ambiente e pela facilitação das Deusas e Deuses encarnados pelos terapeutas que prestam o serviço sacerdotal.

As massagens são ensinadas após o descanso do almoço. As refeições são vegetarianas e criteriosamente feitas de forma a auxiliar Shivas e Shaktis a uma boa experiência. No final do dia, ao entardecer, iniciamos as vivências tântricas. Quando a noite chega novamente, estamos, mais uma vez, na energia feminina, onde acontece o ápice da experiência erótica-numinosa. Não há, em momento algum, mistura de metodologias. Isso não seria

possível porque ambas as metodologias, da Biodança e da Terapia Tântrica, dispõem de seus próprios métodos, que são absolutamente autônomos e redondos. As abordagens se complementam em momentos únicos para ambas dentro da mesma imersão.

“Com frequência os terapeutas que tentam misturar técnicas criam um produto híbrido, espécie de hidra de nove cabeças, sem coerência nem unidade. É por este motivo que o livro de Roberto Crema constitui um acontecimento de valor paradigmático dentro dos meios terapêuticos. Com profundo conhecimento de ambas as disciplinas, esse autor meditou sobre as diferenças e semelhanças, para logo deduzir seus aspectos complementares. O presente livro permite ao terapeuta não formado nestas técnicas, recomendar ao paciente um programa apropriado a sua situação. Na prática, ambas técnicas não devem misturar-se, mas podem realizar-se sessões alternativas ou sucessivas de Biodança e Análise Transacional. Isso abre inesperadas perspectivas no processo de mudança. A nova atitude permite complementar técnicas que põe sua ênfase em esferas diferentes: cognitiva, vivencial e/ou visceral, sem confundir os recursos de cada uma delas” (Rolando Toro prefaciando o livro *Psicodança e Análise Transacional: Uma proposta de Integração*, 1983, pg. 6 e 7)

Ao iniciar a liturgia tântrica, os sinos, os tambores e os mantras tocam. A respiração é estimulada dentro de um ato meditativo. Respiração se transforma em mais um som. A respiração consciente e profunda é fundamental, uma vez que todo o fluxo emocional-transcendental depende da qualidade de respirar. A meditação é a do Tratak, que, em sânscrito significa lágrima (Rajneesh, 1994). As paridades se olham nos olhos e por alguns instantes procuram não piscar. Um fenômeno fisiológico-emocional ocorre: as lágrimas começam a escorrer pelos rostos, provocando visões, abertura do chakra Ajna, o da intuição, que fica entre nossas sobrancelhas, o chamado terceiro olho.

Nessa altura, já estamos transcendendo, em intenso ato devocional e de oração. Shiva contempla Shakti, Shakti contempla Shiva, ambos se adorando. Até que é chegado o momento, onde Shakti deita-se e fecha os olhos, num movimento de entrega de sua vulnerabilidade, pois, a essa altura, já estão nuas para poderem ser acariciadas em cada centímetro de pele que as cobre. Inicia-se a sensitive massagem ou a carícia sensível. As músicas tocam sequencialmente dentro de uma crescente, começando das mais melódicas e suaves às mais intensas, à medida que a kundalini (energia primordial sexual) acorda e se movimenta em direção ascendente, abrindo caminho aos sete estados de percepção, as sete rodas - chakras ou sete lótus (padma). Os sete centros são: o períneo ou chakra raiz - muladhara; o umbilical sacral - swadhistana; plexo solar no estômago - manipura; o cardíaco - anahata; o laríngeo - vishuddha; o terceiro olho - ajna; e o coronal - sahasrara (Arundale, 1938)

Essa energia chamada Kundalini dentro da mitologia Tântrica é representada por uma serpente ígnea, liberada a partir da construção do mundo e reside (dorminhoca para a maioria de nós) no nosso primeiro centro energético na região do cóccix, o muladhara. A sensitive massagem é um instrumento que possibilita o despertar da kundalini gradativamente e a sua ascensão passando por todos os chakras, inflamando-os com sua energia cósmica e vital endereçando-a até o último chakra, o lótus de mil pétalas, reconectando-nos com o divino que nos habita.

A Kundalini pode ser também a representação da Deusa Shakti, consorte do Deus Shiva. Quando a kundalini-Shakti acorda, passa pelos sete centros de energia e, finalmente, acessa o último chakra na coroa - Sahasrara, acontece o casamento sagrado entre ela e Shiva, a coroação, o estado do samadhi, êxtase supremo. A jornada da kundalini acontece no nosso interior, integrando nossas energias, yin e yang. Essa é uma tentativa de descrever a nossa comunhão com o divino. O acesso ao numino-

so via corpo e transcendendo; via sexualidade e iluminando-se. Quando kundalini-Shakti chega ao centro do cocuruto se reúne com o Amado Eterno - o abraço divino, suas duas faces reencontradas (Arundale, 1938).

Naturalmente, por toda a explicação anteriormente feita nesse estudo, as Shaktis, como são chamadas as mulheres no nosso trabalho, são as primeiras a receberem. Elas são a encarnação da Deusa e todo o ritual é centrado na energia criadora de Shakti. No outro dia, é a vez dos Shivas, nossos homens, receberem, sendo iniciados na poderosa manifestação de Shakti, realização do feminino neles.

Falando em Shivas, para o melhor entendimento do que seria o controle da ejaculação, fortemente criticado por alguns do movimento Biodança, como algo contrário ao que Rolando acreditaria. Inicialmente acho importante lembrar que nenhum pesquisador detém a verdade ou o conhecimento absoluto. O conhecimento é um processo orgânico, construído historicamente, de natureza refutável e cumulativa. A primeira vacina que sugiro tomarmos é contra o fanatismo laudatório que percebo dentro do movimento de Biodança com a figura de seu precursor Rolando Toro. Tal atitude é um desserviço ao conhecimento e um risco importante de nos encaminharmos para um movimento fundamentalista, frequentemente violento. No nosso caso, uma violência perfeita, ideia primorosa desenvolvida por Marilena Chaui (2017). Isso não quer dizer (antes que eu seja banida de um movimento que me pariu, me embalou e me criou e, por isso, nutro um profundo amor) que eu não reconheça toda a pesquisa e desenvolvimento de um sistema absolutamente transformador como é a Biodança, dedicadamente feito por Rolando. A ele, a nossa eterna gratidão.

Ainda que a falta de concordância sobre esse assunto seja um ponto central que impossibilita uma conversa entre as

abordagens, a dialética é, desde os filósofos antigos, uma fonte de diálogo, por vezes conflitantes, pelo qual os interlocutores ajudam no avanço da construção do conhecimento. Estaríamos a falar de uma questão epistemológica da mais alta relevância no campo da saúde sexual/mental. Mas essa não é a nossa discussão no momento. Em tempo: não temos garantia alguma de que um autor de uma dada teoria ou sistema, se continuasse vivo, mantivesse *ipsis litteris* sua obra, que certamente não foi fundada e, sim, continuada pelos que o sucedem.

Só haveria respeito às tradições e nenhuma resistência contra ela, se a juventude pudesse dizer sem temer, as consequências. Isso recebemos de vós porque é enérgico, honesto, ainda adequado ao nosso tempo e suscetível de desenvolvimento. Contudo, aquilo que não podemos receber, que foi útil e verdadeiro para o vosso tempo, será inútil para o nosso. Nós, hoje jovens, teremos que estar preparados para ouvir o mesmo das próximas gerações (Reich, 1979, p. 23, com adaptações).

Fechando parêntesis, e seguindo com a questão do controle ejaculatório: nas escrituras sagradas sânscritas do tantrismo, a energia nervosa sutil é denominada ojas, que significa ser forte. Assim, ojas diz respeito à força da vida, à vitalidade. Supostamente, os hindus tântricos acreditam que há um grau significativo de ojas no sêmen. Por isso, para eles, a conservação do sêmen tem um valor religioso, pois ponderam que, a partir da observação das experiências introspectivas como meditação e o próprio ato sexual, a descarga seminal traz consigo, também, uma prostração. Não raras são as ejaculações em momento precoce da relação sexual, gerando bastante frustração para mulheres, e mesmo para homens que desejariam aproveitar mais a relação, prolongando o prazer, a felicidade do encontro amoroso.

Não se trata de desenvolver sentimentos de culpa, medo ou vergonha em relação à ejaculação. Isso seria um erro grave. Um trabalho terapêutico que se presta a isso é iatrogênico por definição. Em nosso trabalho quando um homem ejacula, a massagem continua com movimentos mais leves e elevando o sêmen ao centro cardíaco-afetivo, promovendo uma verdadeira alquimia sexual a fim de conectar os dois centros: sexual e afetivo. Trata-se de nos perguntarmos como desenvolver uma sexualidade masculina mais próxima possível da feminina: lenta, crescente e múltipla orgasmicamente. E, antes que os descrédulos se defendam sequestrando mínima dose de esperança dessa possibilidade se concretizar em algum momento, eu e alguns colegas, também terapeutas tântricos e sexólogos, já tivemos a sorte de testemunhar, em nosso trabalho, alguns homens com essa qualidade de sexualidade, que são os incomuns homens femininos, os verdadeiros para uma visão tântrica.

As mulheres os adoram porque podem desfrutar sem pressa da intimidade sexual; conseguem mais facilmente alcançar o orgasmo ou os múltiplos orgasmos. Os ensinamentos tântricos dizem que abster-se de ejacular provoca uma inversão aparente do sêmen. A energia misteriosa que teria sido dissipada passa a ser poupada e, além disso, ampliada, ficando, assim, à disposição espiritual do indivíduo (Feuerstein, 1994).

Contudo, humildemente reconhecemos que, na nossa cultura ocidentalizada, judaico-cristã, durante muito tempo da história, e até os dias atuais, atribuem o pecado ao ato sexual, sendo ele meramente um veículo para procriação, desprovido de qualquer intimidade, erotismo e sensualidade, no qual o homem deve penetrar a mulher vestida, e com o menor intervalo de tempo, descarregar o seu sêmen. Precisaremos de uma boa dose de paciência para alcançar o entendimento e a vivência do sexo sem a ejaculação e com orgasmos secos para o homem. Inimaginável essa inversão. Quanto de nossa sexualidade ainda desconhecemos?

A distância entre as culturas é abismal e o desinteresse das “autoridades” em Biodança (diretores de Escolas e didatas) em tratar o assunto é por si só um sintoma da cultura judaico-cristã do paradigma patriarcal focada no pecado e na ideia de um Deus punitivo e castrador, que vive em nós biodanceiros também. A realidade frustrante da maioria das mulheres sobre sentirem-se um depósito de sêmen, mencionada anteriormente, e sem conseguirem aproveitar da relação sexual com toda a riqueza que ela pode oferecer, está a denunciar uma dessacralização do sexo em níveis incalculáveis. A educação sexual do controle ejaculatório deve acontecer considerando a cultura no tempo, entendendo que este costuma ser um processo longo de conscientização e apropriação do corpo.

Não pretendo esgotar esse assunto aqui, pois existe muito mais a ser posto. O que desejo provocar é uma reflexão a respeito da falta de conversa entre abordagens, como se uma fosse colocar a outra em descrédito ou na vala do charlatanismo. E se for isto, precisamos admitir que a Biodança estaria do lado mais fraco da força, pois é o Tantra uma filosofia infinitamente mais antiga e desenvolvida ao longo dos séculos. Não foi o Tantra quem bebeu na fonte dos escritos e achados geniais de Rolando Toro. Mas, este, sim, bebeu na fonte do tantrismo, como nos indica as suas obras do Tommos. Uma tradição deve, sim, quando bem apropriada por uma nova corrente, trazer legitimidade a ela, e não ser um motivo de confronto e mal estar.

4. Conclusão

Ao desenvolver esse trabalho, mergulhar nesse tema de pesquisa e me deparar com leituras altamente provocantes e ou-sadas do próprio Rolando Toro e demais autores que se debruçaram no assunto, confrontei-me com uma quantidade importante de pessoas se queixando que a linha da sexualidade estava

sendo desenvolvida de forma acanhada e careta e, até mesmo, em alguns grupos regulares, de maneira inexistente, dentro do movimento de Biodança. Entendo que o legado de conhecimento e vivência deixado por Rolando Toro (conhecido pela sua irreverência e espírito transgressor a uma cultura fortemente opressiva) deve ser levado a rigor; caso contrário, um Sistema como o da Biodança pode se distanciar de seu caráter libertário, que ajude a construir uma cultura a favor do prazer, do gozo de viver, fundamentada no Princípio Biocêntrico, na minha visão, expressão matrifocal.

O que já se pode e deve considerar é que o tema da sexualidade foi e vem sendo um alvo fácil para práticas de abuso e violência, inclusive em ambientes terapêuticos e religiosos. Entrar no terreno da sexualidade requer de um terapeuta ou facilitador bastante coragem, foco, atenção e grande reverência entusiasmada pelo tema, sob pena de desprestigiar o trabalho.

A ética nos relacionamentos humanos não deve ser confundida com a moral sexual neurotizante, a qual escraviza os instintos humanos. Todo o esforço de recentes políticas públicas na área, voltadas para a defesa da integridade física, sexual, social moral e psíquica das pessoas deve, portanto, estar atenta a qual moral ela serve: a moral sexual natural - ética nos relacionamentos, ou a moral sexual civilizada – constantemente neurotizante.

A moral sexual natural fala em conservar a saúde e a vitalidade, enquanto que a moral sexual neurotizante estimula os seres humanos a uma intensa e produtiva atividade cultural estimulada por um modelo econômico cruel, na qual a saúde e vitalidade das pessoas sofre danos. Tais prejuízos, causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos, acabam por ferir a própria cultura. Exemplo clássico e corriqueiro da moral produzida pela cultura é a negação da sexualidade em ambientes religiosos, onde acontecem as maiores perversidades e escândalos sexuais: um fenômeno psicossocial sintomático de uma forte repressão

da cultura sobre os instintos. Todos os fatores que suprimem a naturalidade da vida sexual e, portanto, a sua sacralidade, devem ser vistos como fatores patogênicos das psiconeuroses.

Não é improvável que muitos terapeutas e facilitadores se mantenham defensivos e receosos em relação ao aprofundamento no tema, dada a realidade de denúncias de assédio sexual, possibilidade de enfrentamento de processos judiciais e outros constrangimentos e, em se tratando de grupo, das situações de interação entre os participantes, as quais escapam ao controle do facilitador, dentro dos grupos de Biodança e para além dele. O prejuízo é não avançarmos num tema tão caro, que é “somente” o ponto de partida da concepção da vida. Se quisermos trazer alguma contribuição significativa à humanidade, precisaremos, corajosa e amorosamente, investir a nossa energia vital na cura da sexualidade e, todo o resto, ocorrerá por desdobramento, como já nos mostrava as valiosas e esclarecedoras pesquisas de Reich (1976).

Estou segura de que um trabalho como o do Resgate da Sexualidade Sagrada - Dança de ShivaShakti é um trabalho totalmente convergente com a ideia do Princípio Biocêntrico, pelo qual a centralidade da vida é soberana. Devolver à sexualidade seu caráter sagrado é, para mim, um grande pleonasmo. Uma vez que é através dela que todos os seres que vivem podem se reproduzir e viver em alegria. Isso significa estar em harmonia com as leis da natureza, celebrar à vida que se preserva, recicla e se perpetua graças à força da sexualidade. Isto é tomar a vida como o nosso maior patrimônio.

Todo trabalho que tem como carro-chefe a linha da sexualidade-afetividade, deve contar com a presença de facilitadores amadurecidos na sua própria identidade sexual, a ponto de perceber todas as formas de corrupção da sexualidade desprovida de afetos saudáveis, e poder, com habilidade, gerar consciência e mudança no sentido de cuidar sempre do casamento afetivida-

de-sexualidade, pois, assim, sacralizamos a vida, determinando-a como o bem mais precioso da humanidade e de toda a natureza.

O amadurecimento da/do facilitadora/facilitador em relação a sua própria identidade sexual dará a ela / ele condições de identificar as formas sutis de opressão, abusos e violências, para poder promover, sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre as mudanças em seu repertório de comportamento sexual. Tal amadurecimento permite aos facilitadores a coragem de adentrar na linha da sexualidade com assertividade e doçura, ao invés de ignorá-la. O fortalecimento da identidade sexual dos facilitadores em Biodança traz um entendimento doloroso em relação a compreender que todo o mal-estar em relação ao tema da sexualidade exige uma boa dose de aceitação de que, ora podemos estar na posição de opressores/abusadores sexuais e ora podemos ocupar a posição de oprimidos/abusados.

Isso significa dizer que, em se tratando de sexualidade, nos deparamos, em muitos momentos, com uma relação dominador/dominado consentida, ainda que seja fundamental reconhecermos que o dominado seja a parte mais frágil dessa relação. Admitir esse jogo na relação e identificar os personagens (vítimas e algozes) para abandonarmos esses papéis, a fim de vivenciar uma sexualidade madura, consciente e sagrada, é um movimento prospectivo, se quisermos avançar no tema.

Aqueles que confiam a nós, facilitadores, o desenvolvimento de sua sexualidade, contam, também, com o quão caminhamos no exercício da nossa sexualidade coerente, afetiva, madura e calcada na sacralidade, no Princípio Biocêntrico. Nesse sentido, no Resgate da Sexualidade Sagrada - Dança de ShivaShakti estamos comprometidas e comprometidos com o nosso desenvolvimento pessoal na esfera da sexualidade, nas nossas trajetórias de vida, em nosso autoconhecimento. E essa será sempre uma lacuna em nosso trabalho, uma vez que sempre teremos o que trabalhar, onde avançar e o que integrar.

Compreendemos que nenhum ser humano e nenhuma de suas criações - teorias, escolas, abordagens, metodologia, tecnologia – podem ser acabadas, perfeitas e completas, porque é exatamente essa a natureza do conhecimento e da vida: a incompletude, a organicidade, a capacidade de estarmos sempre inaugurando algo a mais, como nos lembra bem a linha da criatividade em Biodança.

Como sugestões para futuros trabalhos envolvendo a linha da sexualidade e o assunto sexualidade sagrada, acreditamos que ainda podemos avançar no estudo de como a sexualidade, dentro da história do movimento de Biodança, sofreu fortes impactos, resistências, preconceitos, discriminação, incompreensões, e como ela, a Biodança, reagiu a todos esses fenômenos de repressão.

Sendo assim, finalizamos esse trabalho, com a sensação de que parte de nossa missão foi concluída e que, de agora em diante, o mergulho deve, merece e precisa ser cada vez mais profundo nesse oceano de prazer e amor. Os desafios são grandes e a nossa vontade é maior.

Por fim, encerro esse trabalho com sinceros votos de ter aberto uma reflexão no campo da sexualidade, avançando no entendimento teórico, metodológico e vivencial, dialogando com abordagens afins e não afins e, naturalmente e só assim, avançando na construção do conhecimento, numa verdadeira atitude de aproximação e integração de saberes, práticas e de pessoas humanas que se disponibilizam a cuidar do sujeito humano.

Referências

Arundale, G. S. Kundalini. Uma Experiência Oculta. São Paulo: Editora Pensamento, 1938.

BOLEN, Jean Shinoda. As Deusas e a Mulher. São Francisco: Paulus, 1984.

- CAVALCANTE, Ruth & GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Educação Biocêntrica. Ciência, Arte, Mistica, Amor e Transformação. Sobral: Edições UVA, 2015.
- CHAUÍ, Marilena. Sobre a Violência. Belo Horizonte: Autentica, 2017
- CREMA, Roberto. Psicodança e Análie Transacional. Uma proposta de Integração. Monografia de Formação Docente em Biodança.
- EISLER, Riane. O cálice e a espada. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- ENGELSMAN, Joan. The Feminine Dimension of Divine. Filadélfia: The Westminster Press, 1979.
- FEUERSTEIN, Georg. A Sexualidade Sagrada. São Paulo: Siciliano, 1994.
- FREUD, Sigmund. Um Caso de Histeria: Três Ensaios sobre Sexualidade e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- GAIARSA, José Angêlo. Sexo, Reich e eu. São Paulo: Agora, 1985.
- GUENTHER, Herbert V. Yoganaddha. The Tantric View of Life. New Delhi: Chaukhamba Publishing House, 1979.
- LERNER, Gerda. The creation of patriarchy. Oxford: University Press, 1986.
- LOWEN, Alexander. Prazer: Uma Abordagem Criativa da Vida. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.
- LYSEBETH, Andre Van. Tantra: O Culto da Feminilidade: outra visão da vida e do sexo. São Paulo: Summus, 1994.
- MOURA, Betânia. A Roda das Deusas: Deusa – Arquétipo do Feminino. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- NAVARRO, Regina. A Cama na Varanda. Arejando nossas idéias de amor e sexo. Novas tendências. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. A prostituta Sagrada. A Face Eterna do Feminino. São Paulo: Paulinas, 1990.
- RAJNEESH, Bhagwan Shree. Do Sexo à Supraconsciência. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- RAJNEESH, Bhagwan Shree. O Livro Orange. Técnicas de Meditação. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

- REICH, Wilhelm. A Função do Orgasmo. Publ. Dom Quixote, 1979.
- TORO, Rolando. Teoria da Biodança. Fortaleza: Alab, 1991. TORO, Rolando. Biodanza. São Paulo: Editora Olavobrás, 2005.
- SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. Biodança: Vida e Plenitude. Belo Horizonte: Edição da Autora, 2009.
- SHOBINGER, Juar. As origens do homem. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- TANNAHILL, Reay. O sexo na história. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- Wallis, Christopher D. Tantra Illuminated. The Philosophy, History, and Practice of Timeless Tradition. Boulder: Mattamayura, 2013.
- Zanello, Valeska. Saúde Mental, Gênero e Dispositivo. Cultura e Processo de Subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.
- ZELDIN, Theodore. Uma história íntima da humanidade. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- [Sem Autor]. A Sexualidade no Tempo. 2013. 44 slides. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/cresac/a-sexualidade-no-tempo-1>>. Acesso em: março, 2019.
- <https://prazeremsentir.com.br/2020/07/29/desmistificando-a-massagem-tantrica-como-funciona-e-porque-funciona/>